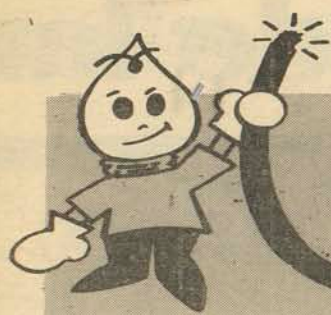




Linha Viva

SETOR ELÉTRICO
VIOLENCIA
As punições continuam

Nº 186 08/07/92

ESQUEMA PP

Salomon nega envolvimento

O diretor financeiro da Eletrosul, Alfredo Ribas Salomon, negou ontem ao Linha Viva que suas relações com o presidente da empresa, Amílcar Gazaniga, estejam abaladas. A revista *Isto É* desta semana publicou nota afirmando que Gazaniga estava se queixando de Salomon, porque este estaria tomando decisões contra sua orientação. A nota finalizava identificando Salomon como "um dos resquícios do esquema PP na administração Collor". A nota serviria para afastar Gazaniga dos refletores do caso da compra de ações da SADE pela Elos.

Salomon disse que esta "é a segunda vez que falam de mim. A primeira foi quando disseram que eu teria cortado o orçamento da DO e que por isto estaria no esquema PP. Como se eu tivesse poder para cortar orçamentos. Isto está vindo de parte de pessoas que pregam a divisão. Não existe mal estar entre mim e o presidente da Eletrosul. Estou no cargo através da Eletrobrás, sou funcionário de carreira do grupo há 22 anos e desempenho um bom trabalho e o presidente também acha isto".

Para Alfredo Salomon estas notícias podem estar sendo elaboradas por alguém "de olho grande no meu cargo ou por empreiteiras ou fornecedores, uma vez que não deixamos mais ninguém intermediar nossos contratos e cobramos descontos. Querem me fazer de Cristo, mas não estou nem aí".

Salomon é diretor financeiro da Eletrosul há um ano e disse, na manhã de terça-feira, não saber porque seu irmão o deputado federal do PDT do Rio de Janeiro, Luiz Alfredo Salomon, que também é secretário da Indústria e Comércio do governo Brizola, vai depor esta semana na CPI que investiga o esquema PP.

IMPOSTO SINDICAL

Sinergia devolve esta semana

O desconto do imposto sindical em favor do Sinergia será devolvido aos empregados da Eletrosul a partir da quinta-feira, dia 9 de julho. A devolução será feita na conta corrente dos empregados e refere-se a 60% do dia de trabalho descontado em março de 1992 (que é a parte do sindicato). Com isto o Sinergia reafirma sua posição contra o recolhimento do imposto sindical.

O BRASIL EXIGE RENÚNCIA JÁ

ATO PÚBLICO
A PARTIR DAS 17H

Exigir a renúncia de Collor. É este o objetivo do ato público que acontece hoje, dia 8, organizado por entidades dos movimentos sindical e popular. A manifestação ocorrerá às 17h em frente à Catedral Metropolitana de Florianópolis, e pedirá também o fim da corrupção e a apuração das irregularidades pela CPI PC Farias.

A cada dia que passa mais denúncias são feitas, mais documentos são apresentados e mais testemunhas falam de ligações do Presidente com o esquema de Paulo Cesar Farias. Collor já foi até à televisão, mas não consegue se explicar nem convencer a população.

Enquanto isso, a economia do país segue caótica e cada vez mais instável. O governo perdeu completamente a moral, não consegue governar. Basta um breve exercício de memória para se constatar que o Planalto virou um mar de lama (veja retrospectiva da corrupção na página central).

As vozes que exigem a renúncia formam a cada dia um coro maior. A OAB - Ordem dos Advogados do Brasil, a CUT, boa parte da imprensa, vários partidos políticos e inúmeras personalidades e entidades desejam ver Collor longe do poder. A ingovernabilidade é flagrante.

PROGRAMAÇÃO - O ato público terá uma programação cultural especial, com a participação da banda Hagnna (que tem feito sucesso na noite de Florianópolis) e um esquete teatral chamado Uma Família Infeliz, apresentado pela Cia Teatral Balança, Balança, mas Um Dia Cai - formada por alunos da oficina Permanente de Teatro da UFSC.



TERRENO DA ELASE

Eletrosul quer parcelar dívida

"Isto para nós se chama negociata e não é do nosso feitio. Está fora de cogitação". Esta foi a reação do presidente do Sindicato dos Eletricistas de Lages, Clóvis Finochetti, à proposta da Eletrosul de negociar o pagamento de uma dívida trabalhista. A proposta foi feita na manhã de terça-feira, pelo advogado do DJU da empresa, Mário Pinho. Ele queria "acertar" uma forma de pagamento da sentença ganha por 16 empregados de Ita, que há dois anos reclamam o pagamento de horário itinerante. A Justiça deu ganho de causa aos trabalhadores e o valor a ser pago pela empresa é de aproximadamente Cr\$ 2 bilhões. A Eletrosul disse que não tinha como pagar a sentença e penhorou um terreno onde está a sede da Elase, em Florianópolis, e que irá a leilão dia 14 de julho.

Segundo Clóvis Finochetti o advogado Mário Pinho propôs o parcela-

mento da dívida pagando uma pequena parcela agora. "Nosso sindicato entende que o problema de pagamento é da empresa. Se ela está com falta de caixa que peça um financiamento aos bancos, ou, infelizmente, o terreno terá outro dono. Já fizemos tudo o que podíamos. Há anos estamos tentando negociar com a direção da empresa e ela sequer nos recebe. Há muito tempo a Eletrosul sabe que está devendo este dinheiro e só vem nos procurar agora e para "acertar". Isto para nós é negociata".

O presidente do sindicato de Lages entende a tentativa do departamento jurídico da empresa. "Eles estão tentando nos convencer para mostrar serviço. O pior nisto tudo, e que fica bem claro agora, é a insensibilidade da direção da empresa que sequer se abala em pôr o terreno à leilão".

NEGOCIANDO NA CELESC

Intercel só ouve evasivas

"A diretoria da Celsc continua com a mania das evasivas e "sem posição" sobre assuntos que interessam a seus trabalhadores. Este comportamento na realidade aponta um caminho que é contramão do que é melhor para os celsquianos. É a modernidade atingindo a direção da empresa." Esta foi a avaliação do secretário-geral do Sinergia, Arno Cognier, depois de mais uma reunião com a direção da Celsc, na quinta-feira passada.

Na ocasião a empresa disse que, com relação às horas-extra, está consultando o TST; que não tem posição sobre os 5,77% dos aposentados e que a eleição na Celsc deverá ser apenas para dois conselheiros - o terceiro será indicado pela empresa. Disse ainda que a questão dos demitidos só será solucionada após julgamento em última instância e que o benefício-alimentação deverá ser calculado pelo reajuste da massa salarial, que em julho será de Cr\$ 11.365,00.

A avaliação feita pela Intersindical é de que a consulta ao TST é mais uma evasiva, uma vez que o assunto foi regulado pelo acordo coletivo. O descumprimento desta cláusula está aumentando e agora atinge também aqueles que trabalham em turno de revezamento. A Intersindical alerta aos lesionados nesta questão que procurem os sindicatos para moverem as devidas ações judiciais.

Sobre o problema dos demitidos a Intersindical considera que a empresa caracterizou finalmente sua real intenção que é de demití-los, escondida pela sombra do parecer do Tribunal de Contas. Acha interessante a posição do presidente da Celsc que diz ter que cumprir o parecer do TC, uma vez que as admissões foram irregulares, mas comete irregularidade maior ao demitir um diretor do sindicato de Tubarão que tem estabilidade no emprego e com motivos nada esclarecedores. Por isto a Intersindical decidiu que deverá tomar medidas mais contundentes para acabar com este protelamento de decisão por parte da empresa.

Por fim a Intersindical decidiu que, conforme acordo coletivo, desde o início do ano os empregados tem o direito de eleger mais três integrantes do Conselho de Curadores da Celsc, por isto vai continuar não reconhecendo como legítimo representante no Conselho o nome escolhido pela Celsc e apresentará seus nomes para o pleito.

Nos dias 29 e 30 de junho a Intersindical discutiu a pré-pauta de reivindicações para a campanha deste ano. Esta pré-pauta deverá ser discutida pela base nas assembleias regionais dos dias 22 e 23 de julho. A deliberação final sobre a pauta acontecerá no dia 8 de agosto, na assembleia estadual, em Florianópolis.

RETROSPECTIVA

O mar de lama da corrupção

Ninguém imaginava que em tão pouco tempo o governo de um pretense "caçador de marajás" se transformasse num parque de diversões para corruptos em geral. Mais do que isso: corrupção praticada de forma descarada, agredindo a já abalada moral da república tupiniquim.

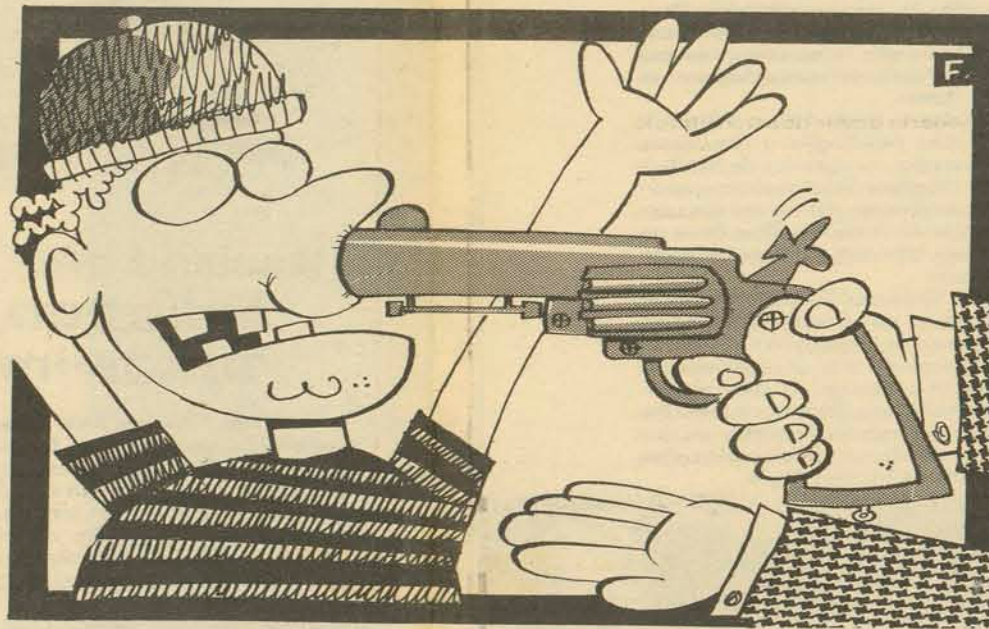
Na verdade, o escândalo Paulo Cesar Farias é apenas uma das muitas falcatruas que vêm sendo reveladas pela imprensa. A ponta de um rosário que começou a ser desfiado logo nos primeiros meses de "Brasil Novo".

Logo no início do governo o primeiro escândalo. Contas publicitárias da Caixa Federal, Banco do Brasil e do próprio governo foram passadas para empresas que fizeram a champanha de Collor. Sem licitação. Vários jornais denunciaram, especialmente a Folha de São Paulo, que resultou invadida pela Polícia Federal.

As más condições das estradas do país foram o primeiro mote dos corruptos. Criando um programa emergencial - o SOS Estradas - já com a intermediação de Paulo Cesar Farias, o governo pretendia liberar alguns milhões de dólares sem licitação para que empreiteiras recuperassem as estradas. A imprensa chiou e acabou havendo licitação.

Mas a conexão Planalto/Alagoas foi a primeira a colocar as manguinhas de fora. A protagonista do primeiro escândalo envolvendo ministros foi Margarida Procópio, titular da pasta da Ação Social. Ela esvaziou, no apagar das luzes de 1991, toda a dotação orçamentária do ministério para 92, concedendo várias liberações para projetos de empreiteiras, entre eles o do Canal da Maternidade, no Acre.

Em seguida, a bomba estourou na Casa da Dinda, no colo da primeira-dama. Para que a coisa não ficasse pior para o seu lado,



Collor exonerou Rosane Collor da presidência da Legião Brasileira de Assistência - LBA. As denúncias contra subordinados da LBA envolviam favores a empresas de familiares de Rosane nas Alagoas.

E quem não lembra das bicicletas do Alcení Guerra? O Ministro da Saúde fez compras superfaturadas em empresas de amigos e correligionários. Foi demitido do ministério, as compras foram desfeitas e hoje há inquérito policial sobre o assunto.

Ainda no primeiro escalão do governo, Egberto Baptista, ex-Secretário de Desenvolvimento Regional, foi acusado de forçar

a barra para conseguir a aprovação de projetos da SUFRAMA que beneficiavam seu irmão Gilberto Miranda. A denúncia partiu da então ministra Zélia Cardoso de Mello.

Aliás, foi Zélia também acusada de estar envolvida com outro esquema pesado de pressões, o "esquema PP", capitaneado pelo ex-secretário de Assuntos Estratégicos Pedro Paulo Leoni Ramos. O esquema pressionava fundos de pensões para descarregar investimentos em empresas determinadas, pertencentes aos amigos de PP, Zélia, etc...

No campo da publicidade muita confusão está por ser esclarecida. O nome de

Cláudio Vieira, ex-secretário particular da Presidência até hoje não explicou como acumulou um vasto patrimônio em pouco tempo. Há quem ligue o enriquecimento à pressões que estatais teriam recebido para entregar suas contas publicitárias para determinadas agências.

E por poucos US\$ 30 mil, o ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, acabou sendo o símbolo mais vil de corrupção. Uma gravação revelou que ele recebeu a quantia para facilitar transações de empresas com o FGTS. Um dos escândalos mais comentados e descarados.

Além disso, siglas como BNH, DNER, FAE e Petrobrás foram muito mencionados pela imprensa, sempre envolvidas em transações irregulares.

Mas a grande ferramenta dos corruptos só foi revelada (ou reconhecida?) publicamente por Pedro Collor: o tráfico de influências. Sem mexer em dinheiro público diretamente, o esquema dos traficantes - supostamente liderados por PC Farias, protegido por Fernando Collor - pressionam empresas a concederem "comissões" para fechar negócios com estatais e órgãos públicos. O empresário Takeshi Imai disse ter sido ameaçado de jamais vender para o governo se não fizesse um negócio intermediado por PC.

Esta retrospectiva não consegue abarcar, no entanto, tudo o que aconteceu de irregular, nem citar todos os nomes envolvidos. Precisaria muito espaço e uma memória demasiado avantajada para recordar tudo. Mas já serve para revelar que o caso PC Farias é só uma ponta de um "iceberg" imundo que flutua sob um verdadeiro mar de lama.

a nação, como pregam juristas e magistrados ligados ao direito alternativo".

O Jurista acredita que Collor já não tem condições de governar, mas que a única alternativa de sucessão é a posse do vice, Itamar Franco. "Veja que isso não é um preciosismo legalista, mas uma preocupação política: a sociedade civil não tem como suportar em um curto espaço de tempo eleições para presidente. Acho que uma eleição rápida seria temerária, podendo causar distorções muito graves às instituições democráticas. Teríamos necessariamente, antes de fazer eleições, de rever a legislação eleitoral e mais um monte de coisas", analisa Edmundo. O parlamentarismo, para ele, só seria alternativa a curto prazo se houvesse uma reforma eleitoral completa.

A verdade, conforme Edmundo, é que só a própria direita pode tirar Collor do Planalto, em função de sua maioria no Congresso. Um dado sublinhado pela falta de mobilização da sociedade civil, que seria uma espécie de síndrome da perda da paternidade. "O Collor foi eleito muito em cima da figura de salvador, bem paternal, agora esta figura foi desfigurada e a sociedade se encontra sem referência, o que de certa forma é natural", argumenta. Para ele, no entanto, este processo todo é muito favorável para a sociedade, podendo ser o embrião de uma retomada da cidadania

TRIBUNA Livre

Caminhos da democracia

Marcos Antônio Mafra
Empregado da Celsc

Estamos em novos tempos e novos caminhos deverão porvir; travamos uma luta para ver e sentir o verdadeiro exercício da democracia, não podemos agora recuar as normas preestabelecidas entre os Homens. Com o pacto social que tanto defendia o pensador Hobbes, a qual ressaltava em seus manuscritos a organização necessária (leis) entre eles, para que estes não ficassem em estado de guerra pelo seu direito de natureza - *Jus Naturale*. Mas sim, que houvesse justiça e que fossem estabelecidos os direitos e deveres entre os Homens.

Foi na tentativa do exercício democrático que lemos na coluna deste jornal interessantes depoimentos, que eu classifico como uma inquietação interior de cada redator; proporcionando a todos alternativas em vez de somente criticarmos, esta é uma das leis da democracia.

É com louvor que ressalto com todos os predicados as palavras destes redatores, proporcionando ao corpo funcional, não uma revolução, mas sim uma reflexão acerca de uma possível privatização de uma produtiva Empresa Estatal - Celsc. É ao mesmo tempo o processo de fragilidade do obscurantismo, procurando com erros e acertos a livre expressão que a democracia ainda permite.

É inacreditável que interesses alheios aos da Empresa, venham interferir negativamente no Processo Democrático; se foram pecados os pronunciamentos supracitados, acredito que tenha sido um pecado venial e nada que poderá comprometer o curso normal das águas da democracia.

Seria um contra-senso, qualquer cidadão se opor ao processo natural da democracia, afinal estamos em novos tempos e em novos caminhos; procuramos com isto compreender o que está acontecendo em nossa volta, não aceitando a passividade como um caminho mais saudável aos nossos interesses, mas sim, procuramos a livre expressão; não como um ato baderneiro, mas levar aos nossos líderes novas alternativas; assim, acredito, não ficaremos no incompreensível.

Quero dizer com tudo isto, que todo o Processo Democrático que se discute, mas que, infelizmente não se pratica; não quero aqui dar maior ênfase a uma possível privatização ou não, mas, o que deve ser tratado com maior carinho e respeito é o sentido amplo da democracia; Soberania Popular. Não querendo ainda tirar da autoridade suprema, o direito da ordem, mas simplesmente valorizar também a opinião popular.

Aos leitores assíduos deste Jornal, aos que compartilham e dos que não, com minhas idéias iniciais. Pois a premissa maior foi levar minha inquietação, também como a colaboração no ato de elucidar o que está ainda oculto, acreditando que todos nós seremos cúmplices, se ficarmos na passividade eterna.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Já há provas contra Collor, diz jurista

O jurista e professor dos cursos de mestrado e doutorado da UFSC, Edmundo Lima de Arruda Júnior, acredita que o maior problema da CPI de PC Farias é que estão tentando descaracterizar as testemunhas do caso. "Juridicamente a prova testemunhal tem o mesmo valor da prova documental, de um cheque assinado, por exemplo. Mas estão tentando negar a idoneidade moral de quem está depondo contra Collor, como Renan Calheiros e o motorista", diz Edmundo.

Ele explica que "sob o ponto de vista jurídico as coisas se tornam sempre mais complicadas. O poder jurídico, as instâncias jurídicas têm natureza conservadora. Tem que se atender a um conjunto de critérios e exigências formais, previstas na própria lei para que alguma coisa aconteça. No caso de renúncia basta a vontade do presidente, mas o impeachment depende da CPI reunir todas as provas - e eu acredito que ela vá reunir provas suficientes para impedir o Collor - e aí haver vontade política do Congresso de tomar alguma medida e iniciar um processo".

A CPI funciona como um inquérito policial. Depois é o congresso que julga. Edmundo explica que "o Congresso é o maior Tribunal que existe. O menor é o tribunal do juri e intermediariamente existem os tribunais compostos por desembargadores". Mas ele explica também que tudo é uma questão política, e hoje tudo estaria nas mãos do PFL. "Se

O DIA DA GATA

Gastão Cassel
Editor do Linha Viva

Santo psicologismo! Tim Burton, o diretor de "Batman - O Retorno" exagerou no desfile de analogias sobre a vida urbana e acabou comprometendo a ação de um filme que tinha tudo para ser ao mesmo tempo inteligente e gostoso. Ficou só inteligente.

Se sobraram nomes de peso nos créditos do filme (Michael Keaton, Michelle Pfeiffer e Dani De Vito), faltou um roteiro mais convincente. Se sobrou qualidade na fotografia e nos cenários, faltou uma trama mais cativante. Se sobraram caricaturas sociais, faltou sutileza.

O novo Batman, que movimentou um orçamento de US\$ 150 milhões, merece ser olhado de longe do estardalhaço da mídia, mas não chega a ser um "cult". Ao estampar na tela heróis e vilões que se debatem com as próprias ambiguidades, ele se esforça para convocar nossos mais íntimos temores com relação ao futuro da sociedade e, especialmente, sobre as perspectivas e contradições dos personagens da confusão urbana. A ambiguidade presente em uma sociedade literalmente sombria e amedrontada pela violência e a corrupção é o grande tema. A comparação de Gotham com o nosso tempo é explícita: crítica à corrupção, aos políticos e à hipocrisia.

Mas o forte do filme está na construção de seus personagens. Batman (Michel Keaton) é um menino rico e certinho traumatizado pelo assassinato de seus pais. O Pingüim (Dani De Vito) é um menino revoltado pelo fato de ter sido abandonado pelos pais quando bebê em

função de um defeito físico. A Mulher Gato (Michelle Pfeiffer) é uma secretária boboca que se insurge contra si mesma para vingar todas as "coitadinhas". Todos solitários e com vidas duplas, são uma espécie de resultado natural do caos social. Vivem atormentados como a própria cidade.

Batman não esconde uma vertigem pela sua duplicidade. É um personagem amargo que arbitra valores e os impõe com a brutalidade. Em Gotham não se sabe se o "cavaleiro das trevas" é a representação do bem ou do mal. Batman em certa medida não existe, pois que é pouco mais do que um show tecnológico composto pelos computadores da batcaverna e dos artifícios do cinto de utilidades. O resto é o medo atrás da máscara.

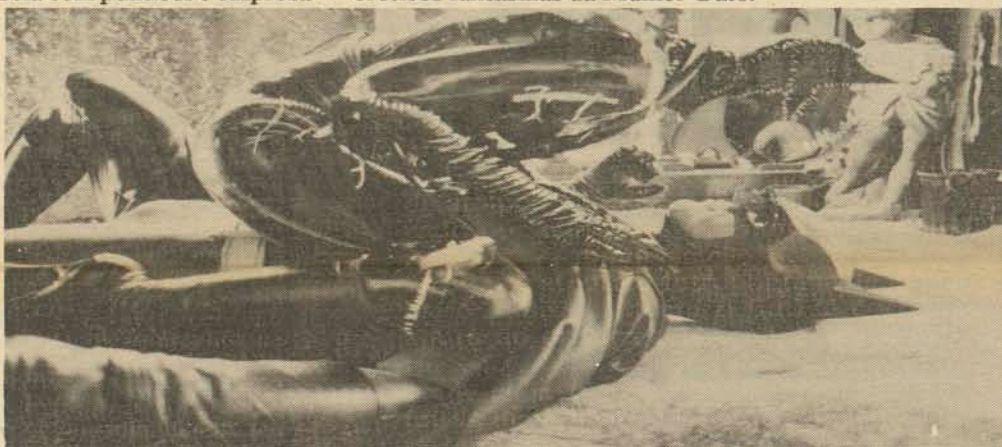
O pingüim é um personagem pobre, plano. A sutileza não passa nem perto dele. Quer vingar-se do seu abandono e para isso pretende afogar no esgoto todos os primogênitos das famílias ricas de Gotham. Vive rodeado de pingüins e se associa com políticos e empresários corruptos para virar prefeito. Um personagem que não ganhou brilho nem com a interpretação de Dani De Vito.

Mas brilho é o que não falta à Mulher Gato. Quer seja pela interpretação estonteante de Michelle Pfeiffer, quer pelo rosário de ambiguidades que ela representa. Ela não é vilã

nem mocinha, é uma neurose vestida com um collant brilhoso. Com um visual sadomasoquista (de chicote e tudo) negocia com o pingüim para acabar com o Batman, por quem guarda uma verdadeira paixão. A secretária deslumbrada pelo charme do milionário Bruce Wayne (Batman) é a mesma Mulher Gato que só deseja desmontar o morcego, mesmo que antes precise lambê-lo sensualmente na melhor cena do filme.

Como não poderia deixar de ser, o filme já causa frenesi entre psicólogos e feministas que tentam desvendar os segredos da Mulher Gato. Batman e Pingüim ficam meio esquecidos. Aliás, o esquecimento parece ser um carma do Batman, que no primeiro filme ficou na sombra do Coringa representado genialmente por Jack Nicholson.

Mas se em "O Retorno" faltou a elegância que Burton esbanjou no primeiro filme, neste valem a trilha sonora de inspiração wagneriana e os cenários impecáveis. E se no escurinho do cinema voltar aquela vontade de que um homem morcego venha nos libertar dos medos secretos que nos perseguem, também vai dar uma vontade secreta de ser aprisionado pelos eróticos fantasmas da Mulher Gato.



Batman se prepara para tomar um "banho de gato"

A morte do mágico

Gastão Cassel
Editor do Linha Viva

Astor Piazzolla morreu com 71 anos, mas não deixou só "uma grande lacuna" como se costuma dizer. Deixou um caminho aberto para ser seguido por algum aventureiro. Mas um aviso: tem que ser um genial aventureiro.



Quando andou pelo Brasil em 1989 Piazzolla falava que sua maior preocupação era encontrar um sucessor. "A música argentina não evolui, estou sozinho há 30 anos", reclamava. Mas a sua solidão é compreensível. O caminho escolhido por ele é complexo e povoado por grandes personalidades da música. Astor e seu bandoneon encontraram no caminho "tangueros" como Terig Tucci, Carlos Gardel, Alfredo Gabbi e Pedro Laurenz. Cruzaram com jazzistas como Dizzy Gillespie e Gerry Mulligan. Uma órbita em que poucos músicos se arriscam a penetrar.

O mais grave é que Piazzolla não se contentou em transitar entre celebridades de diversos gêneros musicais. Foi juntando influências e técnicas, temperando tudo com genialidade e emoção para tirar de tudo isso o

"nuevo tango", mistura mágica do tango tradicional, com muito jazz e um tanto de música erudita. O resultado espantou muita gente: os tangueros tradicionais o taxaram de intelectualizado, mas não conseguiram deixar de aplaudir muitas obras antológicas como "Adios Nonino", "Balada para un Loco", "Concerto para Bandoneon e Orquestra", "Libertango" e "Years of Solitude".

A marca do "nuevo tango" de Piazzolla é a dramaticidade, a pulsação capaz de comover, mover e emocionar quem o escuta. Isso ocorre a tal ponto que na sua passagem por Florianópolis, em 1989, um dos membros de seu quinteto, tomado pela emoção, gritava "sangre, sangre..." enquanto executava uma música.

A dramaticidade fez com que Astor fosse convocado para compor muitas trilhas sonoras para

cinema e teatro. Mas ele deixou inacabado o projeto de ópera sobre a vida de Carlos Gardel, que teria o tenor espanhol Plácido Domingo no papel principal.

Piazzolla morreu depois de ter passado dois anos praticamente paralisado, depois de ter sofrido um derrame em 1992. Morou em Mar del Plata, Nova York, Paris, Buenos Aires, para fazer uma música cosmopolita. Agora, abandona de vez o bandoneon a espera de alguém que se dispunha - e tenha talento - para seguir sua obra revolucionária.

Ele morreu à meia noite de sábado, dia 4, em Buenos Aires como queria. Na letra de sua "Balada para un Loco" dizia que o homem que sabe morrer morre de madrugada.